

# PPS formaliza candidatura de Ciro

Partido lutará agora por uma frente de centro-esquerda, pela qual ex-governador até aceita recuar

Adriana Vasconcelos e Vanice Cioccarl

BRASÍLIA e SÃO PAULO

O PPS formalizou ontem a candidatura à Presidência da República do ex-governador Ciro Gomes, que se torna, assim, o primeiro nome a entrar oficialmente no páreo da sucessão de 98, depois do presidente Fernando Henrique. Numa carta aberta intitulada "O PPS e o Brasil pós-real", o diretório nacional apresentou aquelas que deverão ser as principais bandeiras da candidatura Ciro e de uma possível frente de centro-esquerda, da qual o partido ainda não desistiu.

Daqui para a frente, todos os esforços de Ciro e do PPS serão no sentido de viabilizar a formação desse bloco, que iria do PT ao PMDB, passando por PSB, PCdoB e PDT. Em nome de uma ampla aliança como essa, Ciro admite inclusive rever sua candidatura. Um outro fator, que poderia levá-lo a abrir mão da disputa é a confirmação da candidatura do ex-presidente Itamar Franco pelo PMDB. O nome de Itamar, ao que tudo indica, seria o único dentro das fileiras peemedebistas que possibilitaria a inclusão do partido dentro do bloco de centro-esquerda. Ele não quis se comprometer com os dois outros possíveis candidatos peemedebistas: os senadores José Sarney e Roberto Requião.

A preocupação agora do presidente nacional do PPS, senador Roberto Freire, é não criar obstáculos para a retomada da discussão em torno da formação da frente de centro-esquerda. Apesar de o PT já ter antecipado sua oposição à candidatura de Ciro, o PPS deverá insistir no diálogo com os petistas. Da mesma forma, não pretende fechar as portas para uma negociação com o PMDB, antes que o partido decida qual será seu candidato à Presidência. Nenhuma reunião até agora foi agendada.

— Temos que ver o que é mais viável para o PPS — argumentou Freire.

## Genóio propõe frente com Ciro candidato a vice

Enquanto em Brasília o PPS formalizava a candidatura de Ciro, em São Paulo o deputado José Genoíno (SP) sugeria ontem uma chapa de centro-esquerda encabeçada pelo PT e com Ciro como candidato a vice-presidente.

— Acho que o Ciro poderia ser candidato a vice na chapa encabeçada pelo PT, já que os outros partidos de esquerda querem um nome mais amplo que o de Luiz Inácio Lula da Silva — disse.

Na avaliação de Genoíno, é um equívoco o lançamento de nomes da oposição agora e a movimentação de Ciro tem atropelado não só a esquerda, mas a ele próprio:

— A eleição é casada, requer alianças nos estados, e essa é a vulnerabilidade do Ciro. A antecipação da campanha só favorece o Governo, que tem a caneta na mão e a chave do cofre.

Por isso Genoíno acha que a demora de Lula de assumir sua candidatura não prejudica o partido nem a composição de uma frente de esquerda. Ele reconheceu, porém, que a esquerda enfrenta dificuldades reais para constituir uma aliança mais ampla para disputar as eleições presidenciais com Fernando Henrique. São essas dificuldades que desestimulam Lula a concorrer, pela terceira vez, ao Palácio do Planalto.

— Criou-se uma lógica de pressão sobre o Lula, mas ele não precisa ter pressa porque já tem 20% nas pesquisas eleitorais — acredita Genoíno.

Em Campinas, o ex-governador paulista Orestes Quércia aproveitou ontem a convenção municipal do PMDB para lançar o nome de Sarney como candidato à Presidência. Quércia já vinha defendendo a candidatura Sarney, mas, pela primeira vez, o fez durante discurso num encontro oficial do partido.

— Sarney é um bom articulador político e tem bom trânsito em diversos partidos — disse Quércia, que disputará o Governo de São Paulo em 98.

Apesar de manifestar preferência por Sarney, o ex-governador não descartou os nomes de Requião e de Itamar. O PMDB está dividido em relação ao lançamento de candidatura própria. A ala governista do partido, que reúne governadores, três ministros (Iris Rezende, da Justiça; Eliseu Padilha, dos Transportes; e Fernando Catão, de Políticas Regionais) e os líderes do partido na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), e no Senado, Jader Barbalho (PA), defendem o apoio à reeleição de Fernando Henrique Cardoso.

Além de insistir na candidatura própria do partido, Quércia reiterou que a



SENTADO AO LADO de Freire na reunião do PPS, Ciro Gomes se vira para trás e cumprimenta com um sorriso o pedetista Roberto Mangabeira Unger, articulador de sua candidatura

Diário Popular



QUÉRCIA COM correligionários na convenção do PMDB em Campinas, seu reduto eleitoral: preferência explícita pela candidatura de Sarney

convenção nacional extraordinária, destinada a resolver a questão, fique para 98. E voltou a defender a formação de uma frente de centro-esquerda para enfrentar Fernando Henrique. Na avaliação do velho cacique do PMDB paulista, os peemedebistas poderão fazer um acordo prévio com partidos como PT, PDT, PSB e PCdoB para estarem juntos num possível segundo turno das eleições presidenciais.

Embora tenha dito que o lançamento de sua candidatura foi feito à sua revelia e que estaria disposto a retirá-la caso seu nome seja empecilho para a formação de uma ampla frente de centro-esquerda, Ciro incorporou rapidamente o espírito de candidato. Chegou ao encontro do diretório nacional do PPS em Brasília esbanjando simpatia, parou

com paciência para tirar fotografias com todos os que fizeram pose a seu lado e optou pela humildade ao falar a seus novos companheiros de partido.

— Eu não tenho tradição de esquerda nem participei da resistência nos momentos mais duros da ditadura. Em 64, eu era um garoto de 6 anos que jogava bola de gude. Em 72, era um garoto leviano de 14 anos que só pensava em namorar — confessou Ciro, conquistando a platéia por sua sinceridade.

Ele acrescentou que não tem intenção de ser o novo líder da esquerda nem uma espécie de herói da resistência, mas ofereceu sua experiência administrativa e política para "interpretar um papel" no processo eleitoral de 98. Ele acha que, mesmo com o apoio de uma ampla frente de centro-esquerda,

sua candidatura terá um difícil caminho pela frente.

— Será um caminho de pedras. Não será uma candidatura favorita. Não pode ser vista como um prêmio — prevê o candidato do PPS.

Ciro está otimista e não esconde seu entusiasmo com uma frente de centro-esquerda:

— Se der certo, a hegemonia que se criou em torno da candidatura de Fernando Henrique começará a mudar, a ficar com cheiro de naftalina. Na prática, isso pode melhorar até o Governo dele. Se não melhorar, cria um vetor para que possamos substituí-lo.

A condição de candidato não deverá alterar muito a rotina de Ciro: ele já vem percorrendo o país propalando um programa alternativo de governo. Dos 24

estados, só não visitou ainda Rondônia, Roraima e Acre. Ciro atribui essa caravana a convites que recebe para fazer palestras. Por cada uma, cobra de R\$ 5 mil a R\$ 10 mil, fora passagem e hospedagem. Para se ter uma idéia da movimentação de sua agenda, ele contou que esta semana passará por São Paulo, Bahia, Tocantins, Piauí e Rio Grande do Norte.

## Ciro sobre as reformas de FH: "São imprestáveis, mediócras"

As propostas apresentadas pelo PPS não diferem muito das do PSDB, legenda de Fernando Henrique e à qual Ciro era filiado até bem pouco tempo. Com um discurso favorável às reformas administrativas, previdenciárias, tributárias e fiscais, em defesa das conquistas do Real e com críticas aos velhos vínculos da esquerda com o corporativismo, o PPS alega que a diferença básica entre seu programa de governo e o de Fernando Henrique não se percebe nos tópicos, mas no conteúdo das propostas. Para Freire, o apoio às reformas constitucionais não deve surpreender ninguém, já que o partido sempre se dispôs a discutir as propostas encaminhadas ao Congresso.

Ciro rejeita a comparação e abre suas baterias contra os antigos aliados governistas:

— Primeiro, governo não tem programa. Tem prática para ser avaliada e tem de prestar contas. Essa coisa de ter uma prática, uma conversa fiada para véspera de eleição não está certo. Segundo, a diretriz do Governo Fernando Henrique destrói o Estado brasileiro. Já está a diferença substantiva de nossa proposta, que vai na direção oposta. O PPS não está anunciando o apoio a essas reformas do Governo. As reformas que estão aí são imprestáveis, são mediócras, sem profundidade, tão concessivas às barganhas politiquês que acabaram dominando o Governo.

Ciro afirmou que as reformas defendidas pelo Governo, se aprovadas integralmente, terão um reflexo de no máximo 1,5% no PIB, enquanto as do PPS poderão chegar a 8%.

O PMDB de São Paulo realizou convenções em 644 municípios. O presidente regional do partido, deputado estadual Jayme Gimenez, disse que a expectativa era o quercismo manter a maioria dos diretórios. ■